

Heróis (mas nem tanto)

Em um mundo cheio de super-heróis, **Simon Williams mostra ao público** que **não existe ameaça maior** do que perder uma oportunidade em Hollywood. Em **‘Magnum’, nova série da Marvel** para o Disney+, **Yahya Abdul-Mateen II** e **Sir Ben Kingsley** dão vida a Simon e Trevor, dois atores em **busca de um papel no remake** de **“Magnum”, clássico dos anos 80**. No entanto, um deles tem **superpoderes de verdade...** Página. 2

Uma jornada pelos bastidores da indústria hollywoodiana

PEDRO SOBREIRO

Após enfrentar uma produção turbulenta, encarando uma correção intensa de rota da Marvel nos cinemas e nos streamings, a série “Magnum” superou o risco de cancelamento e chegou ao Disney+ nesta semana para adaptar um personagem dos mais trágicos das histórias em quadrinhos em uma roupagem mais atual.

Ao longo de oito episódios, a série acompanha a jornada de Simon Williams (Yahya Abdul-Mateen II) em realizar seu sonho de virar um ator de Hollywood. Filho de haitianos, o rapaz vive em Los Angeles à procura de uma chance para mostrar seu talento. Porém, o que ele não revela para o mundo é que além de atuar, ele também tem poderes especiais. Nessa aventura pelos bastidores de Hollywood, o rapaz tem de aprender a “engolir” seu narcisismo enquanto faz testes para viver o papel da sua vida no remake de “Magnum”, um filme de super-heróis dos anos 80. Ao seu lado, Simon terá a companhia de Trevor Slattery (Sir Ben Kingsley), um ator das antigas que busca um reposicionamento no mercado, após ter sua imagem associada a uma organização terrorista. Juntos, esses dois vão dividir seus medos e experiências, enquanto tentam sobreviver às pressões de uma vida artística na “Cidade dos Anjos”.

Anunciada oficialmente em 2022, “Magnum” nasceu em 2021, quando o diretor de “Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis”, Destin Daniel Cretton, propôs à Marvel fazer uma série focada em Trevor Slattery (Kingsley), o ator tocou o terror nos



Simon Williams (Yahya Abdul-Mateen II) é um ator desacreditado que sonha em adentrar o mundo glamouroso de Hollywood



Sir Ben Kingsley retorna ao papel de Trevor Slattery, o ator que ficou marcado por “ser o rosto” de uma organização terrorista em “Homem de Ferro 3” e agora busca uma nova chance.

Estados Unidos, ficando marcado por interpretar o Mandarin no plano de uma organização terrorista, como visto em “Homem de Ferro 3”. Sua ideia era mostrá-lo voltando para o Ocidente em busca de trabalho. O projeto foi bem recebido, mas acabou sofrendo uma alteração em meio aos insucessos do estúdio nos cinemas. Com a diretoria fazendo uma “correção de rota”, o projeto acabou sendo misturado a outra

produção que visava introduzir o Magnum no Universo Cinematográfico Marvel. Como o herói tinha essa fase de ator nos quadrinhos, acabou sendo o casamento perfeito.

Com essa possibilidade de misturar um ator iniciante a um ator experiente, surgiu a ideia de brincar com os bastidores de Hollywood, essa indústria bilionária que alimenta o próprio Universo Cinematográfico Marvel. A ideia começou

a ser desenvolvida com um roteiro afiado brilhante que acabou sendo prejudicado pelos atrasos no lançamento da série, ocasionados justamente por esse “ajuste de rota” do estúdio, que pausou a produção de séries e atrasou os lançamentos em pelo menos um ano.

Nesse intervalo, a Apple lançou “O Estúdio”, seriado de comédia que brinca justamente com os bastidores de Hollywood, e acabou sendo um grande sucesso na temporada de premiações desse ano.

De qualquer forma, por mais que não chegue ao streaming com esse viés revolucionário com o qual a série foi idealizada, “Magnum” é uma produção extremamente diferente de tudo que a Marvel fez nos cinemas e nos streamings até o momento.

“A série é hilária, inteligente, estranha, cheia de coração e, em sua essência, uma comédia sobre dois narcisistas solitários aprendendo a serem amigos. Sim, é uma sátira sobre a indústria do entretenimento. Sim, ela também faz piada com o gê-

nero de super-heróis, mas também é uma celebração a Los Angeles, a cidade dos sonhadores, enquanto nós acompanhamos dois personagens cativantes que são apaixonados, talvez obcecados, e movidos pela busca da grandeza”, explicou o diretor Destin Daniel Cretton.

Homem-Aranha

A série se destaca por trazer um estudo de personagem sensacional do protagonista. Com uma pegada mais “pés no chão”, o trabalho de Cretton à frente de “Magnum” é um excelente sinal para os fãs do Homem-Aranha. Isso porque o diretor de “Homem-Aranha: Um Novo Dia” será justamente Destin Daniel Cretton. Na nova aventura do Cabeça de Teia, que será lançado em 30 de julho deste ano, a direção promete abordar o herói por uma perspectiva mais urbana, algo que ele já mostrou dominar em “Magnum” e até mesmo em “Shang-Chi”. Seu cartão de visitas para comandar a nova franquia do herói mais popular da casa é excelente.

Uma versão sem reverência às HQs

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Sempre que aparecia nas HQs dos Vingadores, paquerando a Feiticeira Escarlate e a Tigresa, Magnum (chamado nos EUA de Wonder Man) se achava a última rosquinha do pacote, mas empregava bem a energia iônica em seu corpo na hora de debelar ferrabrases como o Ronin Vermelho ou o Barão Zemo. Seu time de criadores (o rotei-

rista Stan Lee e os desenhistas Don Heck e Jack Kirby) apresentaram-no aos quadrinhos em “The Avengers” nº 9 (outubro de 1964) e redefiniram sua figura no nº 58 da mesma revista, em novembro de 1958.

No entanto, nada da mitologia que as HQs fundaram para o personagem, cujo nome civil é Simon Williams, foi de utilidade para os astros da série Disney + que almeja fazer dele o Homem-Aranha da vez. “Eu só fui conhe-



Magnum, o Wonder Man, surgiu em 1964

cer as revistinhas mais tarde, até por não ser muito do quadrinho, preferindo enxergar o que temos diante de nós como se fosse uma sátira”, disse Yahya Abdul-Mateen II ao Correio da Manhã, numa coletiva via Zoom.

Ele foi o vilão Arraia Negra na franquia “Aquaman” (2018-2023) e trabalhou na (indefensável) série “Watchmen”, da HBO Max (2019), mas ainda assim, não dá muita bola para a arte gráfica, tal como seu parceiro

de cena Ben Kingsley, que vive o ator Trevor Slattery (outrora Mandarin).

“Essa história fala mais sobre pessoas e relacionamentos do que sobre elementos de HQs”, diz Kingsley. “O que mais me interessou aqui foi a amizade”.

O superpoder de Magnum que mais surpreendeu Yahya não passa por habilidades de voo ou por soltar raios: “A verdade e a honestidade exigem força e coragem”.

Ponte aérea MG x Roterdã

Um dos cineastas que mais correm festivais pelo mundo, Marcelo Gomes apresenta ‘Dolores’ na Mostra de Tiradentes e integra o júri da seção Tiger em prestigiado evento holandês



Dolores



RODRIGO FONSECA

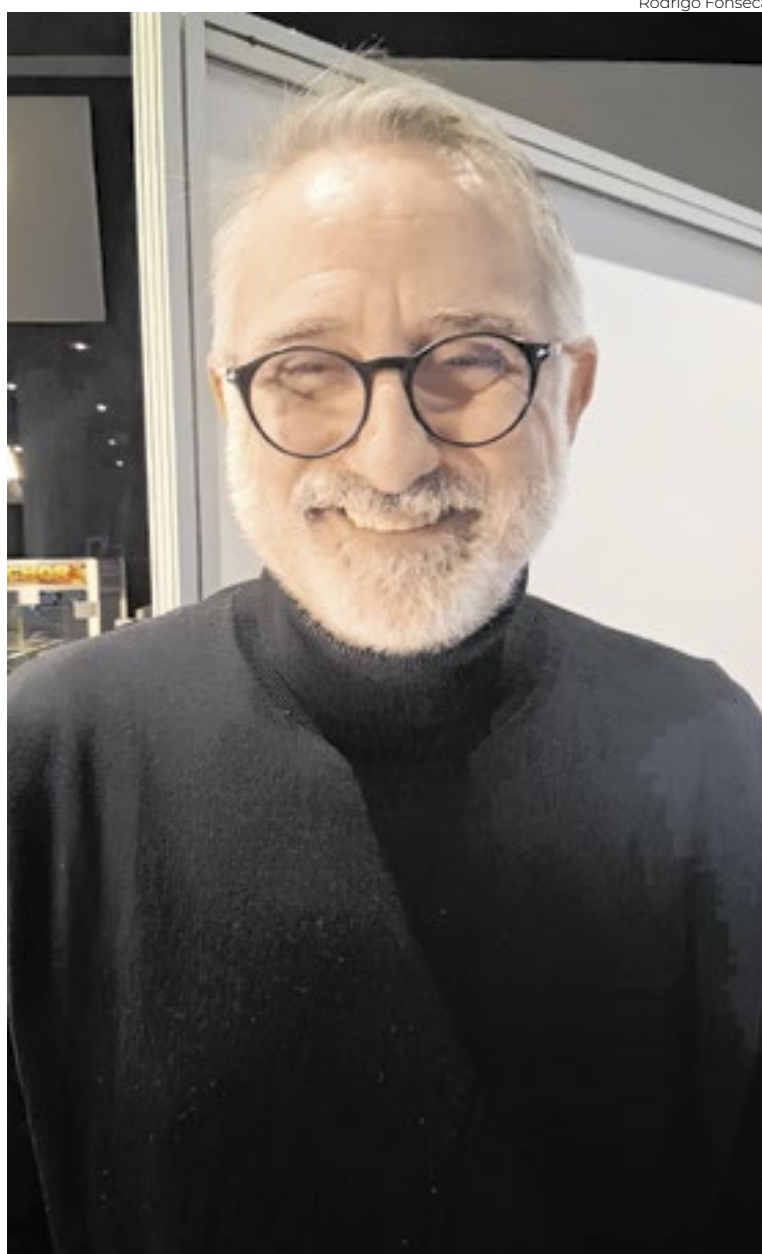
Especial para o Correio da Manhã

Às 21h desta sexta-feira, quando “Dolores” estiver a rasgar corações na Mostra de Tiradentes, às vésperas de o festival mineiro terminar, um de seus diretores, o pernambucano Marcelo Gomes, já vai estar enfiado em seus compromissos como júri da competição principal da maratona cinematográfica de Roterdã, na Holanda. É ela que abre o circuito anual das grandes disputas cinéfilas do mundo. Entre suas muitas sessões, a Tiger é a menina dos olhos da equipe de programação holandesa. O longa supracitado, que o realizador egresso lá do Recife codirigiu com Maria Clara Escobar, abriu sua carreira na Espanha, em setembro, em outro evento de peso: San Sebastián. Sua passagem por terras bascas comprova a vocação de Marcelo para singrar as telas do planeta. Premiado em Cannes, há 21 anos, com “Cinema, Aspirinas e Urubus”, esse artista lá de PE apresentou filmes em Veneza, Toronto e Roterdã, além

de ter vencido o Festival do Rio com “Paloma” (2022). Encontrou seu porto mais seguro na Berlinale. Concorreu ao Urso de Ouro com “Joaquim”, em 2017, e passou pela Alemanha ainda com um documentário (“Estou Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar”) e a ficção ensaística (“O Homem das Multidões”, rodada em duo com Cao Guimarães). Em 2025, voltou à capital alemã pelo Berlinale Series Market, com os episódios de “Máscaras de Oxigênio (Não) Cairão Automaticamente”, hoje na HBO Max, cuja produção é da Morena Filmes (de Mariza Leão). Roterdã acolheu sua mirada sobre os afetos em 2024, com “Retrato de um Certo Oriente”.

“Eu faço cinema de personagens. Meus personagens é que direcionam toda a narrativa. Antes de fazer cinema, eu tinha um cineclub. Lá, eu fiz da cinefilia a minha escola. As referências cinéfilas que adquiri nessa época seguem habitando minha mente. Logo, quando vou contar uma história, os elementos de cinema de gênero aparecem, mas, antes de tudo, aparece o personagem. O que eu busco no meu cinema é contar a história como o meu personagem diz que ela tem que ser contada”, explicou Marcelo ao Correio da Manhã ao levar “Dolores” a San Sebastián, com Maria Clara.

Sua dramaturgia com cores de melodrama é uma herança do ami-



Marcelo Gomes, cineasta

“Eu faço cinema de personagens. Meus personagens é que direcionam toda a narrativa. Antes de fazer cinema, eu tinha um cineclub. Lá, eu fiz da cinefilia a minha escola”

MARCELO GOMES



Retrato de um Certo Oriente

go Chico Teixeira (1958-2019), diretor de “Ausência” (2014) e de “A Casa de Alice” (2007), cujas atrizes principais, Gilda Nomacce e Carla Ribas, servem como reatores nu-

cleares a “Dolores”.

“Ouvi um comentário ótimo sobre esse filme: ‘Ele é uma ode à lan-tejoula’. Fomos por aí mesmo, pelo colorido, e Chico ia gostar. Suas

cores revisitam a noção que a gente faz da classe média baixa a partir do desejo de viver, da alegria”, explica Marcelo.

Há cinco meses, San Sebastián riu, ficou tenso e chorou diante das peripécias da vendedora de roupas íntimas Dolores (Ribas), que chega aos 65 anos assolada pelo vício em jogo. Não por acaso, seu projeto para o futuro é abrir um cassino, apoiada em um sonho premonitório de êxito. As visões que tem não a livraram de perder muita coisa, entre elas o apreço de sua única filha, a também comerciante de lingerie Deborah (Naruna Costa, um vulcão na tela). Ela suspeita de que seu pai morreu de desgosto com a dependência de Dolores, sua companheira, em apostas. Já Duda (vivida por Ariane Aparecida) é mais compreensiva com a avó. Trabalha numa loja de armas, atira bem à beça e sonha em se mudar para os EUA, a fim de poder aproveitar a vida com mais conforto.

A fotografia de Joana Luz e a atuação estonteante de Roney Vilella como Bigode, o quase namorado de Dolores são trunfos a mais do longa, que Tiradentes confere nas sessões de sua praça, ao ar livre. Enquanto isso, em Roterdã, Marcelo estará julgando filmes até o dia 8 de fevereiro ao lado de um time de juradas e jurados de respeito: a atriz iraniana Soheila Golestani, a diretora e também intérprete franco-grega Ariane Laped, a diretora artística do London BFI Film Festival Kristy Matheson e o escritor croata Jurica Pavicic. Na briga por troféus está a produção brasileira “Yellow Cake”, de Tiago Melo, que explora um acidente radioativo nos confins do país. Tânia Maria, a Dona Sebastiana de “O Agente Secreto”, integra o elenco.

Concorrem com Tiago as produções “La belle année”, de Angelica Ruffier (Suécia); “A Fading Man”, de Welf Reinhart (Alemanha); “The Gymnast”, de Charlotte Glynn (EUA); “A Messy Tribute to Motherly Love”, de Dan Geesin (Países Baixos); “My Semba”, de Hugo Salvaterra (Angola); “Nangong Cheng”, de Shao Pan (China); “O Profeta”, de Ique Langa (Moçambique); “Roid”, de Mejbaur Rahman Sumon (Bangladesh); “Supporting Role”, de Ana Urushadze (Geórgia); “Unerasable!”, de Socrates Saint-Wulfstan Drakos (Bélgica); “Variations on a Theme”, de Jason Jacobs e Devon Delmar (África do Sul). “O Agente Secreto” está em projeção em Roterdã também, mas em seção paralela.

ENTREVISTA | JULIO UCHÔA
PRODUTOR

‘O filme de hoje quer verdades, quer poder ser útil na emoção’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Pelo tanto que choveu em Tiradentes, no sábado passado, parecia quase impossível a sessão ao ar livre de “Querido Mundo”, na praça, acontecer. O festival de cinema que leva o nome da cidade mineira, e hoje está em sua 29ª edição, apinhou as ruas e as pousadas da região, mas o aguaceiro limitava a circulação. Estimava-se um cancelamento, até o produtor dessa comédia romântica, Julio Uchôa, bradar aos céus seu grito de guerra: “Viva a vida!”. Em muito evento do cinema nacional, quando se escuta essa frase, dita numa perseverança espartana, é sinal de que ele chegou, sempre disposto a empregar seu otimismo para que bons filmes possam sair do papel, por sua produtora, a Ananã. O longa-metragem dirigido por Miguel Falabella e por Hsu Chien Hsin a partir de uma peça teatral homônima do eterno Caco Antibes faz jus à peleja diária de Uchôa: ou seja, é um filme muito bom.

Ganhou o Kikito de Melhor Atriz em Gramado (dado para Malu Galli) e deixou Minas Gerais, no fim de semana, repleto de fãs, uma vez que São Pedro, num gesto cinéfilo, fechou as torneiras sobre as nuvens e o tempo firmou. Agora, sob a bênção da plateia da respeitada maratona de MG, é hora de se buscar espaço em tela, no circuito exibidor, para a história de amor em P&B entre dois corações que foram acorrentados ao verbo perder (papéis de Galli e de Eduardo Moscovis).

Formado em Psicologia, mas talhado para o audiovisual em trabalhos na TV Búzios, Uchôa, de 61 anos, passou por mestres do quilate de Daniel Filho, Neville D’Almeira e Tizuka Yamasaki no processo para criar um legado (e muito bem-sucedido) na produção. Emplacou blockbusters (“S.O.S Mulheres Ao Mar”). Ousou trazer uma diva de Almodóvar, a espanhola Carmen Maura, para filmar na América do Sul, rodando “Veneza” (2019), também com Falabella. Reproduziu o Ártico na Zona Oeste carioca, ao filmar “Soundtrack” (2017), com Seu Jorge e Selton Mello, sob neve artificial. Recentemente, o longa batizado com seu bordão, “Viva a Vida!” (2025), de Cris D’Amato, foi parar no pódio dos longas brasileiros mais vistos na Netflix.

Na entrevista a seguir, no calor da Mostra de Tiradentes, Uchôa mapeia o que há de mais firme e o que há de mais incerto no mercado cinematográfico do país.

“Querido Mundo” teve uma sessão consagrada na Mostra de Tiradentes, cinco meses após o lançamento premiado em Gramado. O que você vem aprendendo de mais valioso, de praça a praça, desse filme em P&B no qual Miguel Falabella, em codireção com Hsu Chien, canta o amor? Que espaço existe para ele no mercado?

Julio Uchôa - Mostrar um filme em uma praça é um incrível aprendizado, pois podemos ver e sentir a resposta real de um público

espontâneo e diverso. Assistiram e... sem preconceitos... o resultado do preto e branco na tela, a favor de nossa história. Nossos artistas foram abraçados pelo público que se emocionou, acompanhou cada passo vivido pelos nossos personagens. O filme foi motivo de aplausos nas performances do elenco, na fotografia e na arte... Isso nos foi dito através de falas encantadoras na abertura do microfone para debate com o público, após a projeção (em Tiradentes). Isso não quer dizer que será fácil chegar às salas de cinema, e termos as janelas de TV e de streaming dispostas a adquirirem o filme,



“Sabemos que não estamos agraciados pelo interesse, desejo ou indicação dos algoritmos junto aos compradores. Entendemos que temos que mostrar o resultado prévio do filme para que estes possam pensar em apostar, para criarmos uma estratégia diferenciada para termos o filme em exibição”

com artistas incríveis, mas em preto e branco. Sabemos que não estamos agraciados pelo interesse, desejo ou indicação dos algoritmos junto aos compradores. Entendemos que te-

mos que mostrar o resultado prévio do filme para que estes possam pensar em apostar, para criarmos uma estratégia diferenciada para termos o filme em exibição. Nosso trabalho

praça a praça é ganhar força, reconhecimento, e, com os resultados, começar a desenhar a carreira do filme, a fim de chegar a mostra-lo nas salas, telas e streamings, do Brasil e

Rodrigo Fonseca



Jílio Uchôa passou por mestres do quilate de Daniel Filho, Neville D'Almeira e Tizuka Yamasaki no processo para criar um legado (e muito bem-sucedido) na produção



Recentemente, o longa batizado com seu bordão, “Viva a Vida!” (2025), de Cris D’Amato, foi parar no pódio dos longas brasileiros mais vistos na Netflix



Divulgação

Em ‘Querido Mundo’, Malu Galli e Du Moscovis brilham nessa fábula de Miguel Falabella



Raisa Verbitskaya/Divulgação



Divulgação

‘Viva a Vida!’, revela uma Israel à margem da guerra

‘S.O.S. Mulheres ao Mar’ (2014) bateu a fronteira do milhão

do mundo. Temos um enorme trabalho empenhado pela O2Play para a distribuição do filme. Nós acreditamos que o preto e branco comunica e vimos, na praça, em Minas, que o filme e suas imagens chegam às almas das pessoas.

A recepção foi das mais calorosas, num sábado em que a chuva deu uma trégua ao filme. O que ajudou Miguel Falabella a levantar essa história baseada em sua própria peça?

Mega aplausos a todo conjunto artístico que conseguimos ter neste

filme, pois tudo ajudou a seguirmos. Malu Galli e Du Moscovis brilham nessa fábula de Miguel Falabella, lindamente dirigida por ele e pelo Hsu Chien. Trabalho de produtor de filme não é só construir o filme, não é só fazer filmar. Temos que prosseguir lutando, para dar visibilidade e uma longa vida aos filmes. Buscar estar em festivais serve para expormos o filme, entender os públicos (como fizemos com Rússia, Gramado e a praça de Tiradentes, com extremo êxito) e então trabalharmos para chegarmos às janelas comerciais para o nosso filme.

Você produziu blockbusters em sua Ananã e ajudou Daniel Filho a fazer muitos sucessos, na TV e na telona. O que mudou no cinema, na forma de se fazer sucesso, dos anos 2010 para os anos 2020?

O cinema está sempre em constante mudança. Desde a pandemia, há um trabalho maior para conseguirmos levar os filmes às salas de cinema com resultados, e com seus respectivos investimentos de operação e mídia (aliás... tantas novas mídias) para os lançamentos. Mas a grande mudança está sendo

o crescimento, com robustez, dos streamings. Eles têm gerado novos sucessos... “de bilheteria”. Ocorreu com o nosso “Viva a Vida!”, que, no streaming, chegou a mais de 7 milhões de pessoas. Com “Ricos de Amor”, ficamos no top das comédias românticas na América Latina. Ele gerou sequência, e gerou remake na África. Novas formas de distribuição, novos caminhos e novos resultados! Sempre temos que acompanhar o dinamismo do mundo. Acho que o filme de hoje quer verdades, quer poder ser útil na emoção. Ele quer não enganar muito e ser relevante, com muita qualidade. Acho que boas histórias... boas comédias... sempre estão no ar, e podem servir ao grande público, se empoderadas de qualidades técnicas, artísticas e investimento. Sempre haverá espaço para algo bem trabalhado, bem pensado, feito com vontade de ser bem-feito, querendo dizer algo, querendo mexer, provocar, relatar... Com o streaming presente, o investimento no lançamento é fundamental para um filme chegar a muitas salas em um mundo de tantas mídias, segmentos, opções - sobretudo em um Brasil tão grande. Os P&Ns (jargão para Lucros e Perdas) que vivi 10 anos atrás eram, possivelmente, 10 ou 20 vezes superiores do que os investimentos em lançamentos aplicados aos filmes nacionais hoje. Nosso “SOS - Mulheres ao Mar” teve, há 12 anos, algo tipo R\$ 3,6 milhões para o lançamento... e éramos uma aposta).

Que nova configuração você vê hoje?

Temos filmes importantes hoje, com investimentos de menos de 15% desse valor (que o “SOS” teve) para colocação no mercado... e acho que, hoje, as mídias e as vias são mais difíceis que as de 10 anos atrás. Temos que melhorar e buscar ter bons filmes, mas penso que tem de se ter dinheiro para querer colocar um filme para ser visto e para conseguirmos levar público às salas de cinema em um Brasil de tantas mídias novas... e tão grande. É mais barato (leia-se: menos risco e investimento)... e menos desafiador... e menos trabalhoso pular as salas de cinema hoje - justificando-se com alguns insucessos de filmes que não deram bilheteria – e fazer o filme seguir rapidamente para os streamings. Mas temos exemplos de campanhas que construíram bem, sim, a carreira de alguns filmes, fazendo-os serem vistos, reconhecidos e rentáveis. Temos sempre que achar novas formas, novas composições para os lançamentos.

Lançado no início de 2025, “Viva a Vida!” virou um dos maiores sucessos de audiência nacionais Das plataformas digitais

(Netflix) no mundo. O que o streaming revela para você hoje sobre consumo de cinema (brasileiro sobretudo) em casa?

É sensacional ver resultado com filmes em que pensamos e trabalhamos por anos, buscando um melhor roteiro em inúmeras versões, correndo atrás de financiamentos e de parceiros. Levamos anos desejando que esse filme achasse seu público, surtisse resultado e emocionasse. Tivemos uma silenciosa abertura do filme, e acho que, honrosamente, a Netflix conseguiu dar visibilidade para “Viva a Vida!”. Acho que, graças ao conjunto artístico do filme, ele consegue ser, aos poucos, lindamente consumido. Acho que a fotografia, o elenco, a direção, a história, nossas locações, a trilha... tudo conta. Buscamos fazer e entregar com o máximo de trabalho para alcançar qualidade nos diversos itens do filme, acreditando que isso gera resultado. Registro a admiração e prazer em construir um filme com a diretora Cris D’Amato. Nós construímos filmes sempre com prazer, liberdades artísticas, bons técnicos e com profunda vontade de fazer direito e bonito, para chegarmos ao público. “Viva a Vida!” é um filme que amamos e no qual buscamos, com a direção da Cris, imprimir qualidade artística por todo o seu processo. Estão lá grandes artistas (Dante Belutti, Yurika Yamazaki, Kika Lopes...), uma parte técnica fina (como a trilha da Ultrassom, a pós da O2post...), um elenco competente e amoroso.

Sua parceria com a Netflix vai além desse filme, não?

A Netflix tem um incrível poder de chegar ao público. Se o produto é bom e bem-feito ele tem tudo para ser consumido. Progressivamente, novos públicos, de forma orgânica, começam a achar o filme. Tivemos, além do “Viva a Vida!”, o “Ricos de Amor” partes 1 e 2 e “Diários de Intercâmbio” entregues a Netflix. Tivemos incríveis resultados, pois acho que buscamos ao máximo exaurir nossa capacidade de realizar bem junto a equipes de artistas e técnicos que constroem um filme, com vontade de contar boas histórias e emocionar.

O que você tem para produzir neste momento?

Vem muita brasilidade em nossos próximos filmes. Tivemos um lindo ano com o lançamento de “Viva a Vida!”, a passagem do “Querido Mundo” por festivais e um programa da NatGeo/ Disney, “Do Not Attempt”, no qual fizemos a produção no Brasil para a série do mágico David Blaine, com apresentação especial em cinema na Rocinha junto ao lançamento.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES



Reprodução

A prostituição inspira um enredo social, histórico e urbano

Vestida ou nua,
a cidade se revela

NO ÚLTIMO FIM DE SEMANA, como de costume, fui aos ensaios técnicos das escolas de samba da Série Ouro, na Marquês de Sapucaí. Como sempre, havia ali o Rio em estado bruto: arquibancadas com pessoas de todo lugar, vendedores ambulantes, famílias inteiras, militância do samba, descaso do poder público; gente que vai pela música, gente que vai pela festa, gente que vai simplesmente porque aquilo também é cidade. Mas uma coisa, em especial, me chamou a atenção: o enredo e o samba da Unidos do Porto da Pedra.

A ESCOLA RESOLVEU FALAR DE PROSTITUIÇÃO. Não como escândalo. Não como provocação fácil. Não como fetiche carnavalesco. Mas, sim, como um tema social, histórico e urbano.

A PROSTITUIÇÃO ACOMPANHA O RIO desde que a cidade virou capital do Império e centro político do país. Cresceu junto com os portos, com a boemia, com a noite, com a desigualdade. Sempre esteve ali, mesmo quando fingimos não ver. O Rio sempre teve uma geografia do desejo e uma cartografia do preconceito: zonas iluminadas, zonas empurradas para a sombra. A prostituição nunca foi exceção; foi regra silenciosa, parte estrutural da vida urbana.

A VILA MIMOSA É APENAS O SÍMBOLO mais conhecido dessa história. Já estive no Centro, foi deslocada pelas reformas urbanas e hoje segue funcionando na região da Praça da Bandeira como território de trabalho, lazer popular, circulação e sobrevivência. Um espaço que incomoda porque existe, e existe apesar do moralismo. O problema nunca foi a prostituição. O problema sempre foi o olhar lançado sobre ela. Um olhar seletivo, hipócrita e profundamente confortável para quem julga de longe.

CURIOSAMENTE, QUANDO SE OBSERVA a história política brasileira, esse pudor desaparece. O jornalista Sílvio Barsetti mostra isso em "O outro lado do poder", ao narrar a política nacional pela ótica das prostitutas. Bordéis e cabarés aparecem como espaços frequentados por figuras centrais da República. O poder sempre esteve ali. Apenas preferiu o conveniente silêncio.

O CORPO QUE A SOCIEDADE CONDENA é o mesmo que o poder consome sem constrangimento. Talvez por isso o samba da Porto da Pedra seja tão incômodo. Ele não fala dessas mulheres como objeto, mas como sujeito. Quando canta "Dama do luar e cabaré / Quem ousa enfrentar a força da mulher?", não faz poesia vazia. Afirma existência e resistência. Não há romantização da dor. Prostituição não é glamour: é trabalho precarizado, risco, violência e ausência do Estado. Mas também é estratégia de sobrevivência numa cidade desigual. Economia informal sustentando famílias inteiras. Vida real, sem verniz.

O CARNAVAL, GRANDE QUE É, funciona como crônica coletiva. Lê a cidade melhor do que muito discurso oficial. E quando o samba diz "Dona de mim, vestida ou nua, o preço da vida, quem sabe sou eu", não pede aplauso. Exige escuta, atenção. O samba entendeu. A Porto da Pedra entendeu. A cidade - ou pelo menos boa parte dela -, como sempre, finge surpresa.



Divulgação

Bianca Bin e
Edson Fieschi
em 'Job', um
mergulho
intenso
no inferno
cibernético

Um espelho
incômodo
de nossa
(in)civilidade

Thriller psicológico 'Job'
explorando os limites da
saúde mental no ambiente
tóxico das redes sociais

AFFONSO NUNES

Nos primórdios da TV brasileira, o cronista Stanislaw Ponte Preto - pseudônimo do jornalista Sérgio Porto (1923-1968) - definiu o aparelho como uma "máquina de fazer doido". E o que diria o humorista diante deste mundo cibernético e suas neurotizantes redes sociais? A rotina silenciosa (e perturbadora) de quem filtra diariamente os conteúdos mais perturbadores da internet é o fio condutor de "Job", em cartaz no Teatro Teatro TotalEnergies - Sala Adolpho Bloch.

Estrelada por Bianca Bin e Edson Fieschi, a montagem brasileira do texto do novaiorquino Max Wolf Friedlich revela os bastidores de uma profissão invisível que sustenta a (nem tão) aparente civilidade das redes sociais: a moderação de conteúdo. No centro da trama está Jane, interpretada por Bianca, uma funcionária exemplar de uma grande empresa de tecnologia cuja especialidade é identificar e remover material impróprio da internet. Após anos testemunhando o lado mais sombrio da humanidade através de telas, ela sofre um colapso no

ambiente de trabalho.

Afastada de suas funções, Jane é obrigada a frequentar sessões terapêuticas, onde encontra um profissional vivido por Edson Fieschi. É neste espaço de confronto psicológico que o thriller se desenvolve, expondo as fraturas emocionais causadas por uma ocupação que exige distanciamento impossível.

Max Wolf Friedlich é considerado um dos dramaturgos mais atentos às contradições do presente. O jovem autor constrói em "Job" uma radiografia incômoda da era digital, questionando não apenas as condições de trabalho dos moderadores de conteúdo, mas também a responsabilidade coletiva de quem consome e produz material nas redes sociais. Sua dramaturgia nos coloca diante de um espelho nada confortável para uma sociedade que prefere não olhar para os bastidores de sua própria (in)civilidade online.

A montagem brasileira tem direção de Fernando Philbert, responsável por espetáculos como "Três Mulheres Altas" e "Todas as Coisas Maravilhosas", e produção de Luciano Borges e Edson Fieschi - a mesma dupla por trás do fenômeno "Prima Facie", o premiado solo estrelado por Débora Falabella.

O texto original estreou em setembro de 2023 no Soho Playhouse, em Nova York, com Peter Friedman - conhecido por sua participação na série "Succession" - e Sydney Lemmon nos papéis principais. A recepção crítica imediata levou a obra à Broadway já em junho de 2024, conquistando indicações a diversos prêmios. O jornal The New York Times classificou "Job" como "um thriller sofisticado e implacável", destacando sua capacidade de transformar um tema contemporâneo urgente em tensão dramática consistente.

Moderadores de conteúdo digital enfrentam rotinas de trabalho psicologicamente devastadoras, expostos diariamente a violência gráfica, pornografia infantil, terrorismo e discursos de ódio. Estudos internacionais têm documentado altas taxas de transtornos mentais entre esses profissionais, que frequentemente trabalham sob condições precárias e com suporte psicológico insuficiente. "Job" dramatiza essa realidade invisível, questionando os custos humanos da manutenção de plataformas digitais aparentemente seguras.

SERVIÇO

JOB

Teatro TotalEnergies - Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 805 - Glória)
Até 22/2, sextas e sábados (20h) e domingos (18h)
Ingressos: Plateia central - R\$ 150 e R\$ 75 (meia) | plateia ateral - R\$ 50 e R\$ 25 (meia)



Nando Chagas/Divulgação

Jaime Alem e as irmãs Jurema e Nair de Cândia, sua mulher, lançam seu primeiro álbum

A alegria de cantar (juntos)

Nascido durante saraus em Santa Teresa, o Trio Janaju leva ao Rival Petrobras as canções de seu álbum de estreia

AFFONSO NUNES

A excelência harmônica e vocal moram no Trio Janaju. Formado pelo Maestro Jaime Alem e as cantoras Nair Cândia e Jurema

de Cândia, o grupo leva ao palco do Teatro Rival Petrobras nesta quinta-feira (29) as canções de seu primeiro álbum, “Lindeira”, que acaba de chegar às plataformas digitais acompanhado do videoclipe da faixa “Lá Onde Eu Moro”. Composto por dez faixas, o trabalho explora ritmos e estilos

variados, celebrando a natureza, o amor e a crítica social, características marcantes de Jaime Alem como cancionista. A faixa-título é uma parceria feliz de Jaime com a poeta Etel Frota, autora da letra de “Sete Trovas”, sucesso na voz de Maria Bethânia. Já “Catira do Pinheiro” tem letra de Paulo Cezar

“Agora, junto com a mana Jurema, surge a oportunidade de um trabalho com ênfase nos vocais”

NAIR DE CÂNDIA

Pinheiro, apresentada no show em formato de atira tradicional, com violas, palmas e sapateado.

Algumas faixas resgatam a juventude de Jaime, abordando sentimentos universais e temas atuais. Nair Cândia, que gravou o primeiro LP “Jaime e Nair” com ele, destaca sua trajetória como solista e intérprete, com o disco solo “Canção de um Outro Dia” disponível nas plataformas. “Agora, junto com a mana Jurema, surge a oportunidade de desenvolver um trabalho com ênfase nos vocais e explorar nosso timbre familiar. É mais uma virada na minha carreira. Felicidade define tudo”, afirma Nair.

O trio surgiu naturalmente dos laços entre os três e dos pedidos de amigos que frequentavam saraus na casa de Jaime, em Santa Teresa. Nessas reuniões, apresentavam obras autorais de Jaime, canções da dupla Jaime e Nair, e repertório universal das décadas de 1960 e 1970, incluindo covers de Beatles, Mamas & Papas, Mutantes, Edu Lobo, Cactano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento e modas de viola.

Jurema de Cândia, que trabalhou como vocalista com Tim Maia, Martinho da Vila, Maria Bethânia e no show de Roberto Carlos, vê o Janaju como um divisor de águas em sua carreira. “Antes disso, fui crooner de orquestras de baile, um aprendizado valioso. O Janaju me permite explorar minha voz em momentos solos, abrindo vozes em contralto ou soprano. É a realização de um sonho”, conta.

Os músicos que acompanham o trio têm uma trajetória rica e conexões profundas com a história de Jaime, Nair e Jurema: Jurim Moreira (bateria), Rômulo Gomes (contrabaixo), Reginaldo Vargas (percussões) e o maestro João Carlos Coutinho (piano e acordeon).

SERVIÇO

TRIO JANAJU

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) 29/1, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 42

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Uma ode aos clássicos roqueiros

Qual roqueiro não gosta de tocar os clássicos do gênero? E assim nasceu o Triossauros que reúne os músicos Edu Lisovsky (bateria e vocais), Paulo Marconi (guitarra e vocais) e Emerson Ribber (baixo e vocais) que se apresenta nesta quinta-feira (29), às 22h30, no Blue Note Rio. O repertório é 100% dedicado a clássicos do rock e pop das décadas de 60, 70 e 80, incluindo Beatles, The Police, Dire Straits, U2, Queen e Rolling Stones, entre outros.



Divulgação

Noite de surf music e psicodelia

A Audio Rebel recebe nesta quinta (29) apresentação dupla com Beach Combers (foto) e Mermaid Man. O trio carioca, em atividade desde 2009, executa surf music instrumental com elementos da garage sessentistas. Mermaid Man é o projeto solo do alemão Robin Heller, iniciado na pandemia. Ex-integrante do Sir Robin & The Longbowmen, Heller mescla psicodelia, garage, wave e soul no álbum “Let’s Dance To The End Of The World”.



Divulgação

Da lama à avenida

Grande Rio mergulha no manguezal em enredo que celebra o movimento mangubeat

Reprodução/Instagram



Detalhe de carro da escola, que celebra a potência artístico-estética evocada pelo manguezal explicada pelo carnavalesco Antônio Gonzaga

RAFAEL LIMA

Pernambuco está em alta. Além das indicações do longa “O Agente Secreto” ao Oscar, a cultura do estado é celebrada no carnaval carioca, e não é pelas mãos do frevo. A Acadêmicos do Grande Rio leva à Marquês de Sapucaí um carnaval entranhado na lama dos bairros periféricos do Recife ao celebrar o movimento do mangubeat, uma revolução artístico-musical-estética que ganhou o mundo pelas mãos de Chico Science e Nação Zumbi.

Assinado pelo carnavalesco Antônio Gonzaga, o desfile parte das raízes para chegar à explosão urbana que consagrou o mangubeat. Antes do encontro entre maracatu, rock, hip-hop e influências estrangeiras, a escola percorre os mangues, a vida nas margens e o cotidiano dos catadores de caranguejo, além da força da ancestralidade que rege esse território. “A gente entende o mangubeat como essa explosão de música urbana que mistura maracatu com hip-hop e rock, mas antes disso existe toda uma raiz cultural que

precisa ser apresentada”, explica o carnavalesco. Segundo ele, a presença simbólica de Nanã, divindade ligada à lama e à criação, surge como elemento condutor desta narrativa.

O enredo se estrutura em diferentes momentos, refletindo a diversidade estética que marca a própria essência do mangubeat. A proposta visual acompanha essa transformação. Há setores de linguagem mais rústica, com aparência quase artesanal, que remetem à terra, à lama e ao trabalho manual. Em outros momentos, o desfile assume a estética clássica do carnaval, com brilho, pedrarias e paetês. Já na chegada à urbanidade, entram em cena referências contemporâneas como grafite, transparências e materiais que dialogam com a cultura das periferias e com a arte das ruas.

Essa diversidade visual, segundo Antônio Gonzaga, é uma exigência do próprio enredo. “Cada momento do desfile tem uma linguagem estética diferente, porque a narrativa muda. A gente passa pelo rústico, pelo tradicional do carnaval e chega numa estética mais urbana”, afirma. Ele destaca ainda a força da abertura e do

“A gente entende o mangubeat como essa explosão de música urbana que mistura maracatu com hip-hop e rock, mas antes disso existe toda uma raiz cultural que precisa ser apresentada”

ANTÔNIO GONZAGA

quarto setor como pontos-chave da apresentação. “O meu compromisso é que a visualidade transporte o componente e o público para dentro do universo do mangubeat. A ideia é mergulhar mesmo nesse manguezal.”

Na avenida, essa travessia ganha voz em um nome que se tornou símbolo recente dos sambas da Grande Rio. Evandro Malandro, intérprete oficial da escola, carrega no timbre potente e marcante a responsabilidade de conduzir o enredo diante do público da Sapucaí. Sua trajetória chama atenção por ter começado fora do universo do samba. “Eu vim da música clássica, não era do samba. Minha história com a Grande Rio

começou entre 2008 e 2009, quando defendi um samba da escola”, relembra.

Natural de Nova Friburgo, Evandro passou a integrar o carro de som da agremiação em 2014, permanecendo até 2018. O reconhecimento veio também pelo trabalho desenvolvido no Acadêmicos do Cubango, onde conquistou prêmios importantes. “Graças a Deus, fiz um bom trabalho com o meu time, e isso abriu portas”, diz. A virada de chave aconteceu em 2020, quando conquistou o Estandarte de Ouro e viu seu nome ganhar projeção nacional. “Sempre busquei excelência no trabalho. Os holofotes vieram pelo desempenho e pela entrega”, afirma.

Figura histórica da Grande Rio e presença constante no Carnaval carioca, David Brazil também se vê diretamente representado pelo enredo de 2026. Pernambucano, nascido em Casa Amarela, ele celebrou a escolha do tema como uma homenagem à cultura de seu estado natal e à sua trajetória dentro da escola. “As minhas expectativas são as melhores possíveis, com um enredo maravilhoso que é o movimento cultural do meu Pernambuco. Para quem não sabe, eu sou pernambucano e são quase 30 anos de Grande Rio”, conta, com orgulho.

Com carinho pela comunidade de Duque de Caxias, David destacou a relação afetiva com a escola e comentou os desafios recentes com a chegada de Virgínia Fonseca como rainha de bateria. “Foi uma turbulência, uma tempestade, mas graças a Deus passou. Hoje está tudo calmo, tudo maravilhoso”, disse, ao elogiar o momento atual da escola. Ele também exaltou segmentos como a bateria e o casal de mestre-sala e porta-bandeira. “Que venha o carnaval e, quem sabe, o campeonato. Quem ama o carnaval sabe o amor que se tem pelo pavilhão”, torce.